

<>

Cabaret alemão,
de Luísa Costa Gomes,
enc. António Pires,
Teatro do Bairro, 2014
(Maria Rueff),
fot. Mário Sabino Sousa.



Que tempos estes...

Ana Campos

Título: Cabaret alemão. Texto: Luísa Costa Gomes. Encenação: António Pires. Interpretação: Maria Rueff e Sofia de Portugal. Com a participação de: Hugo Mestre Amaro, João Araújo e Mário Sousa. Desenho de luz: Vasco Letria. Figurinos: Dino Alves. Caracterização: Jorge Bragada. Produtor: Alexandre Oliveira. Local e data de estreia: Teatro do Bairro, Lisboa, 17 de Março de 2014.

“Que tempos são estes em que temos de defender o óbvio?”
(Bertolt Brecht)

Terão sido, certamente, as semelhanças flagrantes entre, por um lado, a situação de grave crise social, económica e política que, na Alemanha, levou à ascensão ao poder do nacional-socialismo (com as consequentes atrocidades contra a Humanidade que todos conhecemos) e, por outro, o estado em que se vive hoje nos países do Sul da Europa que conduziram um conjunto de criadores – inventivamente reunidos no Teatro do Bairro, em Lisboa – a imaginar a situação, totalmente hipotética, de o nosso país se encontrar sob o domínio alemão em várias áreas, inclusive políticas e económicas. Mesmo sabendo que, de facto, na política europeia, é hoje a Alemanha que – por razões várias, mas de modo bem diverso – determina em grande medida a agenda económica e financeira da Comunidade Europeia...

Como é sabido, porém, foi nesse primeiro contexto que se verificou, paralelamente à instabilidade vivida na Alemanha, uma notável eferescência cultural que acabaria, também ela, por marcar as várias manifestações artísticas durante todo o século XX, chegando mesmo aos nossos dias, como este espectáculo vem provar.

Foi, de facto, naquele contexto que se desenvolveu, nas mais cosmopolitas capitais europeias, um género de

divertimento conhecido por *Cabaret* de forte cariz de crítica social. Na Alemanha, este tipo de espectáculo ganhou incisivos contornos políticos em salas berlinenses como *Wilde Bühne* (1921), *Kabaret der Komiker* (1924), *Katakombe* (1929) ou *Tingel-Tangel* (1931), sendo depois completamente eliminado durante o nazismo, obrigando os seus participantes a fugir para outros países ou, no caso dos que não conseguiram fazê-lo a tempo, à deportação para campos de concentração.

O espectáculo aqui analisado parte de algumas canções da autoria de compositores de músicas da época áurea do cabaret alemão como Friedrich Holländer (1896-1976), Rudolf Nelson (1878-1960) e Hans Eisler (1898-1962), bem como de poemas de Kurt Tucholsky (1890-1935), Eric Kästner (1899-1974), Thomas Mann (1875-1955) e Bertolt Brecht (1898-1956), pertencendo a este último a autoria da frase que surge como subtítulo do mesmo, sugerida no título deste artigo e aqui citada em epígrafe.

Maria Rueff e a sua equipa não hesitaram em usar este modelo para levar o público – a quem é permitido assistir ao espectáculo sentado em mesas e fazer acompanhar a sessão por uma bebida – a tomar consciência do momento histórico que atravessamos. O espírito leve deste tipo de



<>

Cabaret alemão,
de Luísa Costa Gomes,
enc. António Pires,
Teatro do Bairro, 2014
(Maria Rueff),
fot. Mário Sabino Sousa.

divertimento, o talento inegável de Maria Rueff, que domina a cena e tem a capacidade de converter todos os imprevistos em momentos hilariantes (como quando, por exemplo, as marcações falham), bem como o texto acutilante de Luísa Costa Gomes, o desempenho dos músicos, o assumir dos nomes próprios dos actores, entre outros aspectos, funcionam como um instrumento cáustico – mas eficaz – de intervenção crítica no momento actual.

A assumpção de um discurso não aceite oficialmente dentro do cenário imaginário de uma ocupação alemã remete o espectáculo para uma das funções que esta manifestação artística pode ter, ainda que, em épocas de prosperidade, ela seja menos perceptível: a de questionar a ordem social, política e económica e, conseqüentemente, a de despertar consciências, funcionando assim, como uma possível forma de resistência.

Ainda que o modelo seja o do cabaret alemão, o espectáculo faz uso de outros recursos, como os vídeos da autoria de José Budha que, para além de estilisticamente funcionarem como elementos de grande beleza visual, são também um contraponto à cena, feito, porém, num registo menos cómico. Ao fundo do pequeno palco, lado a lado com as projecções, existe apenas meia cortina de veludo vermelho a toda a altura, pois como lembra a protagonista, "hoje quem é que tem dinheiro para veludo?". Todas as opções cénicas convergem, assim, com coerência para o espírito que envolve por completo esta produção. Para além dos aspectos que já mencionei, a utilização de uma linguagem própria das classes menos instruídas, plena de incorrecções linguísticas (uma das personagens lembra que em Portugal se pode "não querer o 'comer' feito para o jantar") e de expressões populares, aproxima a cena do público através da identificação e do riso.

Cabaret alemão na sua jocosidade convida ainda à reflexão sobre aspectos característicos dos tempos que vivemos e que são, também eles, a causa de uma grande instabilidade social. Enquadra-se aqui, por exemplo, a

situação difícil que atravessa a maioria das mulheres divorciadas, com filhos pequenos a seu cargo e um emprego modesto, o que leva a manobras de acrobacia que diariamente têm de fazer para cumprir da melhor forma estas responsabilidades. Reflecte-se, ainda, sobre o mito do amor romântico que cria e destrói relações a uma velocidade acelerada no mundo ocidental, fazendo-se o contraponto com o tempo em que as estruturas familiares eram duradouras ainda que, para isso, inibissem arroubos de exagerada – e inoportuna – honestidade.

Digna de atenção, entre outros elementos, é a interpretação, num registo discreto, de Sofia de Portugal, mas que, juntamente com Maria Rueff, compõe uma dupla notável, que galvaniza a atenção do espectador. Muito bem construída é também a personagem interpretada por Hugo Mestre Amaro, mas cuja reviravolta final só pode ser compreendida dentro do contexto de contida liberdade de expressão – e de uma efectiva falta de auscultação das vozes discordantes por parte dos poderes instituídos – no tempo desta democracia fictícia em que vivemos hoje.

Por todas estas razões, considero que *Cabaret alemão*, com encenação assinada por António Pires, propõe uma observação profunda da nossa realidade, na medida em que tem a coragem de colocar o dedo na ferida da consciência do público. De facto, e como o texto nos recorda, hoje não é proibido falar de certas questões, mas sempre há quem diga que "parece mal".